

Museus de fronteira e a musealização do futebol – o lugar da memória futebolística no campo museal brasileiro (anos 1960-1990)

Border museums and the musealization of football – the place of football memory in the Brazilian museal field (1960s-1990s)

Bernardo Buarque de Hollanda *

Raphael Rajão Ribeiro **

Resumo: O artigo tematiza o papel pioneiro de criação de acervos de entrevistas sobre futebol no Brasil, pelos Museus da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ) e de São Paulo (MIS-SP). A iniciativa de dirigentes e apoiadores desses museus – como o produtor Ricardo Cravo Albin, no Rio, e o historiador José Sebastião Witter, em São Paulo – não só criou uma série específica como integrou o futebol a eixos temáticos artístico-culturais caros às duas instituições, voltadas à montagem de coleções sonoras nacionais. A realização de entrevistas com jogadores, técnicos, jornalistas esportivos e dirigentes por parte dos MISes carioca e paulista, embora sem critérios científicos reconhecidos pela Academia, ou com parâmetros incipientes que mais à frente norteariam a metodologia da História Oral no Brasil, permitiu o registro da memória e da trajetória de um conjunto de profissionais do futebol, com início nos anos 1960 e fim em meados da década de 1990. O objetivo deste texto é apresentar o processo de constituição desses dois projetos durante a segunda metade do século XX, a fim de entender o papel de determinados agentes no reconhecimento do lugar do futebol no contexto dos respectivos museus. Com efeito, em meio a continuidades e descontinuidades, trata-se de avaliar por fim o impacto desse perfil de fundo arquivístico e a influência de coleções dedicadas ao memorialismo esportivo em outras instituições museológicas brasileiras, que se autonomizaram nas décadas seguintes, a exemplo do Museu do Futebol (2008) e do seu projeto de entrevistas, inspirado no MIS: “Futebol, memória e patrimônio”.

Palavras-chave: História do Futebol. Museu da Imagem e do Som. Patrimônio esportivo. Memória futebolística.

* Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor-adjunto da Escola de Ciências Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). Mestre (2003) e doutor (2008) em História Social da Cultura pela PUC-Rio, com estágio sanduíche na École des hautes études en sciences sociales (EHESS/2006). É pós-doutor pela Maison des sciences de l'homme de Paris (Bourse Hermès-2009) e pela University of Birmingham (Rutherford Fellowship - 2018). Bolsista de capacitação técnica pelo programa CAPES Print, com pesquisa no Centre international de l'étude du sport (CIES/Neuchâtel - Suíça - 2020). É secretário-geral da Associação Brasileira de História Oral (ABHO - gestão 2020-2022). É membro do conselho da International Oral History Association (IOHA) e editor das revistas Estudos Históricos, Words & Silences, Revista de História Oral e Esporte & Sociedade. Coordena o Laboratório de Estudos do Esporte (LESP) e o Laboratório de Pensamento Social (LAPES), ambos cadastrados no Diretório de Pesquisas do CNPq. Suas principais áreas de interesse são: história social do futebol e torcidas organizadas; modernismo e vida literária no Brasil; cultura brasileira - crítica e interpretação; pensamento social e história intelectual. E-mail: bernardobuarque@gmail.com

** Autor de “A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)”. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004), mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) e cursa doutorado em História, Política e Bens Culturais no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC/FGV. Atualmente atua no Museu Histórico Abílio Barreto. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: belo horizonte, futebol, história do esporte, culturas urbanas e modernidade. E-mail: raprajao@gmail.com

Abstract: This article focuses on the pioneering role of the Museums of Image and Sound of Rio de Janeiro (MIS-RJ) and São Paulo (MIS-SP) in creating collections of interviews about football in Brazil. The initiative of the administrators and supporters of these museums – producer Ricardo Cravo Albin, in Rio, and historian José Sebastião Witter, in São Paulo – created a specific series and integrated football into the artistic-cultural axes dear to the two institutions, which aim to assemble collections on Brazilian sound. The interviews conducted with players, coaches, sports journalists and club managers by both museums, although without scientific criteria recognized by the Academy, or with incipient parameters that later informed the methodology of Oral History in Brazil, allowed the recording of the memory and trajectory of a set of football professionals, starting in the 1960s and ending in the mid-1990s. This article aims to present the constitution process of these two projects during the second half of the twentieth century to understand the role of certain agents in the recognition of the place of football in the context of each museum. Amid continuities and discontinuities, we seek to evaluate the impact of this type of record group and the influence of collections dedicated to sports memory in other museum-like institutions in Brazil that became autonomous in the following decades, such as the Football Museum (2008) and its interview project “Football, memory and heritage.”

Key-words: History of Football; Museu da Imagem e do Som; Sports heritage; Football memory.

Introdução – de MIS a MIS

O presente artigo pretende contribuir com o dossier temático “Patrimônio esportivo e museus de esporte”, por meio de um estudo em perspectiva diacrônica dedicado à incidência do tema do futebol em instituições museais brasileiras, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre as décadas de 1960 e 1990. O objetivo é apresentar o processo de constituição desses dois projetos durante a segunda metade do século XX, a fim de entender o papel de determinados agentes no reconhecimento do lugar do futebol no contexto dos respectivos museus.

Para tanto, adota-se o recorte temporal de três décadas, de modo a identificar continuidades e discontinuidades no paulatino processo de incorporação da prática e da representação futebolística no interior de equipamentos culturais públicos, criados ao longo da segunda metade do século passado. O recorte detém-se em especial nos projetos de registros orais em fitas k-7, concebidos e implementados com vistas a compor o acervo de dois museus públicos estaduais.

A metodologia adotada para o alcance do objetivo valeu-se da literatura prévia existente sobre os dois museus, da contextualização histórica de cada projeto, das informações disponíveis nas plataformas das duas instituições e das fontes primárias acessíveis, quais sejam, as entrevistas em áudio (São Paulo) e aquelas já transcritas (Rio de Janeiro). O método utilizado permitiu a montagem panorâmica do argumento, com base em referenciais dedutivos – que partem do contexto ao objeto – e indutivos – que vão dos conjuntos documentais às estratégias político-culturais de seus curadores

– e, por assim dizer, longitudinais – ou seja, que se baseiam na mudança histórica e na diacronia para entender seu significado à luz do tempo presente.

O primeiro caso é o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, o MIS-Rio, exemplo de um segmento museológico pioneiro quando de sua fundação, surgido em meados dos anos 1960, no então Estado da Guanabara, sob os auspícios do governador Carlos Lacerda, já no contexto histórico da transferência da capital para Brasília e sob a vigência da ditadura militar (1964-1985) no país. Graças à curadoria do então jornalista e hoje produtor cultural e pesquisador musical Ricardo Cravo Albin (1943-), o futebol foi incorporado a um programa de conservação da memória de personalidades artísticas e culturais daquele período. “Depoimentos à Posteridade” foi o nome dado ao projeto, que compreendeu a gravação em áudio de artistas considerados célebres em uma miríade de áreas, da música popular ao cinema, da literatura à pintura, do teatro à televisão, entre outras.

Chama a atenção como o futebol profissional, embora não tradicionalmente enquadrado no imaginário das artes e da cultura, tenha sido reconhecido por determinados atores do meio e instado naquela altura a integrar um segmento de entrevistas para o novo museu. Futebolistas idolatrados em suas épocas – a exemplo do goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, do zagueiro Domingos da Guia, do ponta Garrincha e do atacante Pelé – prestaram seus testemunhos. Com a voz registrada pelo gravador, os atletas recordavam sua trajetória para uma plateia de jornalistas e membros da opinião pública de então, num tom misto de formalidade e coloquialidade.

A série concentrou-se no final dos anos 1960, na fase inicial do MIS-Rio, quando a instituição logrou protagonismo no âmbito cultural da cidade, ao conceder prêmios anuais, como o Golfinho de Ouro. Conforme mostraremos no artigo, a iniciativa de registros futebolísticos, diluída e com intermitências nos decênios seguintes, chegou a ser retomada pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio mais à frente e foi reconfigurada em meados da década de 1990. Na ocasião, assistiu-se à publicação em livro de determinadas entrevistas e à ampliação de seu escopo para mais vozes, passando-se do futebol para outras modalidades esportivas, a exemplo do remo, cujos clubes cariocas de regatas completavam cem anos de existência.

O segundo equipamento público a ser descrito e analisado neste artigo é o homônimo paulistano Museu da Imagem e do Som, inaugurado em 1970, cinco anos após o MIS-Rio, e vinculado à Secretaria de Estado da Cultura, em São Paulo. Embora se encontrem gravações com atletas já nos idos de 1970, tal qual o ex-atacante Leônidas da Silva, então comentarista esportivo, a instituição encampou de forma

seriada o projeto memorialístico de registros em áudio no início dos anos 1980, na conjuntura de reabertura democrática, em meio aos estertores do regime militar, e no bojo da realização da marcante Copa do Mundo da Espanha, em 1982.

O artífice da proposta de um programa de História Oral foi o então diretor do MIS-SP, Boris Kossoy (1941-), fotógrafo atuante, formado em Comunicação na ECA/USP e investigador das origens da imagem fotográfica no país durante o século XIX. Em paralelo a inúmeros outros campos de preservação memorialística – Artes Plásticas, Carnaval Paulistano, Cinema Paulista, Estudos Brasileiros, Folclore, Memórias da Amazônia, Memória da Imprensa, Memória da Psicologia, Revolução Constitucionalista de 1932, Televisão, entre outros –, investe-se no Futebol como um fenômeno caro à memória nacional.

Kossoy mobilizou então dois historiadores ligados à Universidade de São Paulo para a coordenação do projeto: José Sebastião Witter (1933-2014), discípulo de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1970, e então diretor do Arquivo Público do Estado de São Paulo; e José Carlos Sebe Bom Meihy (1943-), que se tornaria uma referência na constituição da metodologia de História Oral e na sua aplicação a expoentes da cultura popular no país, para além dos tradicionais nomes das elites políticas ou da chamada história oficial. Com efeito, estes dois acadêmicos delinearam a série “Memória do Futebol” – também chamada “História do Futebol Brasileiro” em documentos catalogados na instituição (1982) –, que entrevistou, entre 1981 e 1984, mais de quarenta nomes do futebol paulista, entre jogadores, jornalistas, técnicos e dirigentes esportivos.

O propósito do presente artigo é, pois, apresentar de maneira panorâmica aspectos da construção de um “patrimônio esportivo” nesses dois museus audiovisuais pioneiros, no decorrer de três décadas. Visa-se acompanhar tal percurso, de forma a contextualizar as ações institucionais e as políticas culturais que estiveram associadas a uma embrionária patrimonialização (GONÇALVES, 2019) do futebol brasileiro, na segunda metade do século XX. Nosso argumento procura ir além das condições técnico-mecânicas para as gravações e para as reproduções fonográficas. Sustenta-se que a criação de uma coleção própria para a memória esportiva no interior de museus de ponta tecnológica nos anos 1960, cuja missão precípua era a preservação da cultura e das artes nacionais, indicia o lugar ambíguo – ora negativo, ora positivo – do futebol na sociedade brasileira, conforme as reflexões sugestivas lançadas por Roberto DaMatta em sua “antropologia do óbvio” (1982, 1994).

Se a prática futebolística suscita debates e polêmicas quanto a seu significado esportivo, a seu valor social e à sua condição de fenômeno constitutivo da identidade nacional, o mesmo caráter controvertido pode ser atribuído quando se pensa em sua “representação” no campo cultural, em geral, e no campo museológico, em particular. É nesse sentido que a emergência de “museus de fronteira”, conforme conceituado pela historiadora Cláudia Mesquita (2009), vai ao encontro do entendimento das ações e das políticas culturais capazes de incorporar o futebol como objeto legítimo, não apenas de estudos acadêmicos em princípios dos anos 1980, mas também de sua integração a novos acervos em museus, como se dá no período histórico em questão, e tal qual iremos evidenciar a seguir.

“Depoimentos à Posteridade”: um museu de fronteira e a criação de registros sonoros futebolísticos

A inauguração do Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro aconteceu em 3 de setembro de 1965, mas sua concepção remonta à virada dos anos 1950 para 1960, quando a cidade perde o estatuto de capital da República. A transferência oficial para Brasília a 21 de abril de 1960 ocasionou, ato contínuo, a criação do Estado da Guanabara, que assim se manteve por quinze anos, até 1975. A perda da capital federal (MOTTA, 2001) teve um impacto considerável no cotidiano da cidade e muitos autores (LESSA, 2001), ainda hoje, associam o novo estatuto político-administrativo ao declínio econômico e à decadência social do Rio de Janeiro, depois de séculos a ocupar uma posição estratégica central na Colônia, no Império e na República.

Primeiro governador da Guanabara (1960-1965), o controvertido jornalista e político Carlos Lacerda percebeu o cenário de esvaziamento do Rio. Em contrapartida, envidou esforços no sentido da revitalização da cidade em vários âmbitos, entre eles o campo da cultura. Junto a dinamizações das instituições culturais, o último ano de seu governo coincide com as comemorações do IV Centenário da cidade (1565-1965) e uma série de eventos celebrativos é programada. Em 1965, o país vivia sob a égide autoritária do golpe militar, ocorrido no ano anterior e apoiado de início pelo próprio Lacerda. Este era então movido pelo agudo sentimento anticomunista e antigetulista que o caracterizava, mas cedo também o governador, que almejava a presidência da República, desilude-se com o papel dos militares no poder e passa à oposição ao regime recém-implantado.

A centralidade da cultura é vista nessa conjuntura como um elemento identitário importante na recuperação da autoestima da cidade. O investimento na construção de um museu de vanguarda, concebido para ocupar uma posição de ponta no país sob o ponto de vista tecnológico, foi uma importante meta perseguida pela gestão de Lacerda. No último ano do mandato, a abertura do MIS integra os festejos comemorativos do IV Centenário e é elevado à condição de um monumento à “reivindicação autonomista da cidade” (MESQUITA, 2009, p. 19).

A fundação do MIS constitui, pois, o principal marco da política cultural do governador Lacerda, na esteira de uma série de espaços criados no Rio de Janeiro do primeiro lustro dos anos 1960. Estes visavam recuperar a histórica condição de “vitrine da nação” e, em tal horizonte, inauguraram-se outros equipamentos, como a Sala Cecília Meireles, o Parque Lage e o Museu do Primeiro Reinado.

A historiadora Cláudia Mesquita (2009), em instigante pesquisa sobre o momento inaugural do MIS, propõe-lhe a qualificação de “museu de fronteira”, uma vez que este qualificativo demarca o limite simbólico da nova identidade da cultura carioca ante a criação do Estado da Guanabara e o conjunto da federação brasileira. Ao cunhar esse termo, a pesquisadora procura matizar o conhecido conceito de “lugares de memória”, de autoria do historiador francês Pierre Nora, e salienta como a instituição assume um caráter fronteiriço entre o que se entende por memória nacional e aquilo que se atribui à memória local, algo até então superposto e indiferenciado na cidade-capital.

Além do MIS, dois outros equipamentos enquadram-se na tipologia da “fronteira”: o Museu do Ipiranga em São Paulo, entendido pela antropóloga Lília Schwarcz no seu livro *O espetáculo das raças* como representante da “ascensão de uma província no cenário nacional” (1993, p. 79); e o Museu Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul, característico do regionalismo gaúcho, segundo o antropólogo Ruben George Oliven, em *A parte e o todo* (1992).

Mesquita acentua com propriedade o significado assumido pelo MIS em seu contexto originário:

Com um projeto absolutamente inédito para os padrões brasileiros de sua época, o MIS rompeu com o modelo dos museus etnológicos e nacionais vigentes, constituindo-se no primeiro museu audiovisual do país, também voltado para os saberes e pensares cotidianos do povo, antecipando um novo conceito de patrimônio que viria a ser oficialmente desenvolvido pelo artista plástico e *designer* Aloísio Magalhães à frente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

As coleções adquiridas para a inauguração do Museu da Imagem e do Som (discos de música popular brasileira, fotos do Rio Antigo, recortes de jornais sobre personalidades da cultura popular, entre outros) deram ao MIS esse caráter, associado à singularidade de se inscrever como primeiro e único museu da Guanabara, criado como um monumento à condição do Rio como 'cidade-síntese' da nação e à Guanabara como o seu estado-capital. (2009, p. 33)

O “estranho museu”, nas palavras de Lacerda em seu discurso de inauguração, é concebido para ser uma espécie de centro de documentação audiovisual da memória e da história cariocas. Há nele uma ambivalência constitutiva, com uma estratégia política situada na fímbria entre a nação e a cidade. Brasília, por suposto, é a *urbe* ainda sem marcas identitárias, contraponto acionado para a afirmação cultural do Rio e para a constituição desse “museu regional”. A própria etimologia da palavra *região* indicia seu sentido, ao referir-se a um ato divino de imposição de fronteiras (MESQUITA, 2009, p. 79).

Conforme dito acima, a reconstituição histórica do equipamento remonta ao início dos anos 1960, quando um colaborador de Lacerda, o italiano Maurício Quádrio, doa ao governo estadual uma coleção de três mil discos, iniciativa que permite a criação da Discoteca e Fonoteca Pública do Estado da Guanabara. Os discos, por seu turno, não eram apenas de música convencional. Boa parte dos LPs continha registros de vozes de literatos, cientistas e políticos afamados da Europa, a exemplo do dramaturgo italiano Pirandello. A produção discográfica de Quádrio seria acrescida no Brasil das gravações vocais de personalidades de vulto da política brasileira, tais quais o senador Rui Barbosa e o presidente Getúlio Vargas.

O prédio escolhido para abrigar a sede do MIS-Rio foi o Pavilhão do Distrito Federal da Exposição Internacional de 1922, situado na Praça XV, centro histórico do Rio. O edifício contou com o apoio do mecenato bancário do BEG, o recém-criado Banco do Estado da Guanabara, presidido por Almeida Braga. A Fundação Vieira Fazenda, responsável pela organização do MIS, reunia em seu patrimônio as coleções do fotógrafo Augusto Malta, do radialista Almirante e do colecionador de discos Maurício Quádrio.

Enquanto esse último aportava as falas de personalidades públicas, o primeiro arquivo, de Augusto Malta, trazia imagens preciosas do Rio de Janeiro do início do século XX, durante a prefeitura de Pereira Passos, a documentar a conhecida reforma urbanística. Já o Arquivo Almirante, pseudônimo de Henrique Foréis, fornece a base da cultura popular carioca, sobretudo a musical, ao universo arquivístico da instituição.

A centralidade da música popular brasileira, em sua simbiose com o espaço urbano do Rio de Janeiro, é reforçada com a aquisição de dezesseis mil discos da coleção de Lúcio Rangel. À MPB e à fotografia, somam-se ainda 900 gravuras originais de artistas do valor histórico de Debret e Rugendas. Outrossim, as coleções adquiridas pelo MIS buscam diferenciar-se do academicismo das instituições tradicionais, figurando no limite como um “antimuseu”, segundo dizia também Maurício Quádrío. A aproximação com o público escolar e a função pedagógica da instituição estavam entre as suas propostas inovadoras na busca pela renovação de seus frequentadores e de seu transcendental “amor pela arte” (BOURDIEU, 2016).

Inaugurado o museu no final de 1965, encerrou-se com ele o ciclo de poder do governador Lacerda que, desiludido com a política, renuncia ao cargo e promete se dedicar aos negócios. O legado do MIS, por sua vez, inscreve-se no cotidiano da cidade ao longo da segunda metade dos anos 1960, sob o mandato de Negrão de Lima. O distinto cenário político permite a ascensão de novos atores. O mais decisivo deles, para o recorte aqui proposto, é Ricardo Cravo Albin, cuja gestão do MIS entre 1965 e 1971 vai explorar a imagem pública e midiática do equipamento como o “mais carioca dos museus” (MESQUITA, p. 133). Entre suas marcas, o gestor de origem baiana legará a construção de um projeto de registros orais intitulado “Depoimentos para a Posteridade”.

Ricardo Cravo Albin era oriundo da área de Comunicação e constitui sua equipe com nomes como o do pesquisador de música Ary Vasconcelos. É responsável também por montar um grande conselho de notáveis, mais de duzentos ao todo, representativos da cultura e das artes da cidade, a fim de ampliar a reputação do museu junto à opinião pública. Os conselheiros tinham afinidade com diversas áreas, entre elas, a literatura, as artes plásticas, a música erudita, o cinema, o rádio e, como enfatizaremos especialmente a seguir, o futebol. Vinícius de Moraes, Jacob do Bandolim e Hermínio Bello de Carvalho figuram entre as personagens de destaque no Conselho da MPB.

A série “Depoimentos para a Posteridade” começa a ser gravada já em agosto de 1966, logo no início da gestão de Albin. Ela registrava tanto figuras tradicionais da música, como Pixinguinha, quanto jovens compositores, que emergiam na cena musical, massificada pela televisão e pelos festivais da canção (RIDENTI, 2000), como Chico Buarque, com então apenas 22 anos de idade. Em meio à efervescência político-cultural daqueles anos, o MIS logo se fixou no circuito artístico da cidade, ao lado de pontos de encontro da juventude intelectual e politizada, como a geração do cinema Paissandu e os fãs da sétima arte, que frequentavam a cinemateca do Museu da Arte Moderna (MAM-Rio).

Em termos de uma política de acervos, além de receber arquivos preexistentes, o que aconteceria nos anos 1970 com a aquisição do Arquivo da Rádio Nacional, o Museu cultivou por diferencial a produção das suas próprias fontes orais. Ainda de acordo com Mesquita (2009):

A Coleção Depoimentos foi o primeiro arquivo do gênero criado no país. Por isso, transformou-se na marca registrada dos demais Museus da Imagem e do Som criados no Brasil, sob a inspiração da experiência pioneira do MIS do Rio de Janeiro, representando o ponto de singularidade de museu audiovisual, que além das formas mais tradicionais de aquisição, tem a particularidade de produzir o seu próprio acervo (2009, p. 136)

A aposta de Albin durante os cinco anos de gestão foi criar um “museu do presente”, baseado na novidade da produção registros sonoros biográficos. Estes se ligavam por sua vez à dicção e à oralidade da cultura popular. Com certa informalidade coloquial, as gravações não tinham tempo prefixado e dispensavam um roteiro sistematizado. A ausência de rigidez fazia com que as vozes de entrevistadores e entrevistados se mesclassem, sem ordenação prévia, ora com comentários livres do primeiro, ora com memórias do depoente. Consoante às palavras do então diretor MIS, também preocupado com a viabilização financeira do museu, eis o estilo das entrevistas:

A sedução foi exatamente a coisa menos científica e mais sociológica, ou seja, deixar o convidado falar tudo aquilo que lhe viesse à mente e que lhe desse na veneta, com todos os erros, com toda a empáfia eventual, com todas as necessidades de incentivar egos, de lustrar egos, o que fosse deveria ser absoluta e idealmente observado. Por quê? Porque a gente imaginava fazer desse testemunho um testemunho de verdade, e era essa verdade que a gente poderia vender para, quem sabe, comover a opinião pública (Apud MESQUITA, p. 142)

Até aqui, nossa narrativa amparou-se na originalidade da pesquisa de Cláudia Mesquita, dissertação em história social na UFRJ, transformada em livro e fonte preciosa de informações sobre a trajetória inicial do MIS e a instituição como um campo de disputa da memória. A obra, entretanto, trata do panorama geral, mas passa ao largo do material que amiúde compõe o acervo e a série de depoimentos. A palavra futebol, por exemplo, é citada apenas uma vez em todo o livro, ao passo que “esporte” em nenhum momento recebe menção.

O projeto Depoimentos à Posteridade

Entre as lembranças e os esquecimentos a que se refere a autora nas disputas pela memória, o ponto a ser salientado aqui é justamente a ausência de referências à série de depoimentos sobre futebol e esportes dentro do projeto concebido e liderado pelo diretor executivo do MIS, Ricardo Cravo Albin. O quinquênio administrativo daquele pesquisador seria marcado pelas centenas de gravações de figuras de renome do mundo artístico, nos setores, já aludidos aqui, que vão da música à literatura, do cinema à pintura, do teatro ao rádio e deste à TV. Apesar de poucos registros, o projeto dos anos 1960 não descurou das personalidades esportivas e, ao que tudo indica, isto se deveu ao reconhecimento da importância do futebol no âmbito cultural pelo referido gestor.

Assim como inexitem pesquisas acadêmicas sobre essa série, há carência de análises que se valham individualmente das entrevistas dos jogadores e atletas concedidas, salvo honrosas exceções, como o historiador Leonardo Pereira, que utiliza três depoimentos para artigos biográficos e para sua tese de doutorado sobre o futebol no Rio de Janeiro (2001) ou o historiador Luiz Burlamaqui, que se debruçou sobre uma única entrevista em específico (ROCHA, 2019). Ademais, a própria instituição na atualidade parece dar pouca importância a tal segmento, com apenas uma única informação disponível em seu site¹, segundo a qual o vulto olímpico de atletismo brasileiro, Ademar Ferreira da Silva, medalha de ouro no salto triplo nas Olimpíadas de 1952, em Helsinque, e de 1956, em Melbourne, prestou depoimento ao museu em 15 de setembro de 1967.

O silêncio em torno do assunto pode ser contraposto à relevância que teve o futebol nos quadros de “Depoimentos à Posteridade” na segunda metade dos anos 1960. Alguns sinais encontram-se no fato de que já em 1967, junto ao desportista Ademar, vultos do futebol, entre jogadores, dirigentes, técnicos e jornalistas, foram recebidos e ouvidos no MIS. Por exemplo, a memória do jornalismo esportivo é evocada em uma gravação que homenageia o jornalista Mário Rodrigues Filho, falecido um ano antes, em setembro de 1966. Seu irmão mais novo, o dramaturgo e também cronista esportivo Nelson Rodrigues, comandou uma espécie de mesa-redonda, com a atmosfera informal que caracterizava o gênero da conversa futebolística nas rádios e na televisão.

¹ Disponível em: <<http://www.mis.rj.gov.br/depoimentos/>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

Uma figura emblemática do poder futebolístico do período é João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos desde 1956, e um dos responsáveis pela organização da entidade, que conquista dois títulos mundiais nos anos 1950 e 1960: a Copa do Mundo da Suécia, em 1958, e a Copa do Mundo do Chile, em 1962. A projeção internacional do futebol, graças a esses títulos, era inquestionável e, malgrado a derrota na Copa de 1966, Havelange amalhava os louros das vitórias e exaltava a sua habilidade administrativa. Em 1967, o dirigente máximo da CBD depõe ao Museu da Imagem e do Som e nele relembra a sua trajetória de ex-atleta, em que reitera sua narrativa de sucesso na carreira de administrador e de *self made man*.

Ainda naquele ano de 1967, no mês de setembro, duas entrevistas significativas acontecem. A primeira é do ex-jogador Domingos da Guia, zagueiro da Copa de 1938, personagem de ponta do elenco da Seleção Brasileira e do Flamengo, na primeira fase de vigência do profissionalismo no futebol, durante a década de 1930. A gravação de 01/09/1967 é conduzida pelo próprio Ricardo Cravo Albin, ao lado de uma equipe de mais oito entrevistadores. Sem maior preocupação com o rigor científico, o relato segue o formato da história de vida, com perguntas iniciais sobre a infância e a família; continua com aspectos específicos da carreira, opinião sobre fatos, situações e personagens, até o encerramento com uma mensagem final de “conselhos para a posteridade”.

Ao lado do veterano atleta, o segundo entrevistado encontrava-se no auge internacional da fama e atendia pela alcunha de Pelé. A 26 de setembro daquele ano, no auditório do MIS, na Praça Marechal Âncora, o ídolo comparece ao MIS para registrar com sua própria voz as suas lembranças e seu percurso precoce no estrelato do futebol. Cercado de aura, o jogador é entrevistado por um total de sete jornalistas, entre eles Aquiles Chirol, Odemário Toguinhó e Armando Nogueira. Estes compunham o chamado Conselho de Esportes da entidade. O início da entrevista é encabeçado pelo diretor-executivo do museu, Ricardo Cravo Albin, que principia com questões objetivas como ano e local de nascimento, além de filiação parental, em sequência cronológica que varia ao sabor das perguntas dos jornalistas.

Além do incentivo e da direção de Ricardo Cravo Albin, outros atores parecem ter contribuído para a viabilização da série. Um deles é Marcos Carneiro de Mendonça (1894-1988), membro atuante no Conselho do MIS. Marcos fora um dos primeiros ídolos do futebol brasileiro em seu período amadorístico (PEREIRA, 1997). Na posição de goleiro, atuou no Fluminense e na Seleção Brasileira, sendo sua conquista máxima o Campeonato Sul-Americano de 1919, disputado no estádio das Laranjeiras. Após a carreira de futebolista amador, finda no início dos anos 1920, formou-se em Engenharia

e tornou-se historiador, filiado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com pesquisas sobre a Amazônia pombalina. A condição de conselheiro deu ensejo a que fosse um dos primeiros a ser convidados a depor para a série sobre futebol e já em 1967 tinha seu registro gravado à “posteridade”.

Ainda nos anos 1960, um incremento ao projeto aconteceu. Os depoimentos não apenas eram gravados e depositados na instituição, mas produtos dele derivados eram criados. Por exemplo, já em 1966, publica-se em livro “As vozes desassombradas do museu”, com a reunião transcrita e impressa das entrevistas de Pixinguinha, João da Baiana e Donga. Fenômeno análogo se deu com o jornalista esportivo e então técnico da Seleção Brasileira, o irascível e espirituoso João Saldanha. Em 12 de dezembro de 1969, sua gravação ao MIS transforma-se em disco, intitulado “O mundo de João Saldanha”. As três horas de gravação são condensadas em trinta minutos de LP para comercialização e consumo do grande público. Sob a chancela fonográfica da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara, o disco traz na contracapa um texto de Arthur da Távola, crítico e jornalista que não se exime de saudar o lançamento de um “grande depoimento”.

Como se sabe, o ápice da popularidade futebolística se deu em 1970, com a conquista do tricampeonato mundial na Copa do México, em junho daquele ano. Até 1971, Albin dirige o MIS e em sua gestão valoriza-se a série esportiva, mediante dezenas de entrevistas, a exemplo do treinador Flávio Costa. O grande ídolo Garrincha, conhecido por certo laconismo em entrevistas, vai ao Museu e relata suas memórias no futebol.

No início dos anos 1970, Albin sai da direção do MIS e é sucedido por Neusa Fernandes (1934-), diretora também da Fundação Estadual dos Museus do Rio de Janeiro (Femurj). A nova gestora preconiza outras políticas culturais, mas a coleção de depoimentos permanece ativa, haja vista a visibilidade pública alcançada. Os registros em áudio de personalidades não saem de cena nas décadas de 1970 e 1980, embora arrefeçam e assistam, aqui e ali, a intermitências.

O afastamento de Ricardo Cravo Albin do comando do MIS não implicou em seu distanciamento da coordenação do projeto “Depoimentos à Posteridade”. Em 31 de maio de 1985, Albin participa da gravação do jogador Thomaz Soares da Silva, o Zizinho, referência do futebol brasileiro nos anos 1940 e 1950. A entrevista é conduzida pelo coordenador, ao lado do pesquisador Jairo Severiano e do jornalista João Máximo, sendo este último um nome que desponta no trabalho de reconstituição do passado futebolístico e na condução das próprias gravações do MIS-Rio dali em diante. A longa

entrevista com Mestre Ziza transcorre com recordações familiares e com detalhadas informações de episódios marcantes do futebol carioca e brasileiro, desde a década de 1930, incluindo derrotas internacionais, como a Copa de 1950 e o Sul-Americano de 1953.

Em meados daquele decênio, a instituição completa 30 anos. Entre as comemorações, destaque-se a criação do Núcleo de História Oral e de um setor de Fitas de Áudio. Ademais, dá-se a introdução de filmagens nas entrevistas, o que, de acordo com o cineasta Eduardo Scorel (2003), constitui para as gravações um fator de grande impacto não só na dinâmica da interação entrevistador-entrevistado como também na análise posterior do relato pelo eventual pesquisador. O enquadramento da voz do depoente soma-se à gesticulação, às feições, à expressão corpórea e emocional do depoente como um todo. Até então restritas às fitas K-7, são agora as câmeras imagéticas que registram as falas dos esportistas, juntamente às suas imagens, aos seus gestos e à sua entoação no decorrer dos depoimentos. A série sobre Esportes é revitalizada e um conjunto de depoimentos de remadores ligados a clubes de remo centenários é gravado. A iniciativa visa contemplar memórias de remanescentes das associações náuticas, como o Botafogo, o Flamengo e o Vasco da Gama, reconhecidos pela popularidade no âmbito do futebol.

A importância das gravações faz com o museu lance em 1991 a série de livros *Cadernos MIS*, no intuito de valorizar e visibilizar mais o acervo para as novas gerações. Nessa linha, o futebol também é alvo de interesses editoriais e de publicações. Sob a chancela do MIS Editorial, o volume duplo “Futebol é arte” é organizado pelo jornalista Mário de Moraes (2002), que combina uma narrativa sobre a história do futebol brasileiro, com as transcrições de três entrevistas representativas do tema no acervo institucional. A iniciativa é implementada pela então diretora, Marília Trindade Barbosa da Silva, uma evidência da política de continuidade e da longevidade do projeto ao longo de diferentes gestões do MIS.

“Memória do Futebol” no MIS-SP: a emergência da História Oral na constituição arquivística

A criação do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro foi referência para a instalação de instituições similares pelo Brasil, sendo as primeiras delas o MIS Paraná, em 1969, o MIS Pernambuco e o MIS São Paulo, ambos em 1970 (MENDONÇA, 2012, p. 190). No caso paulistano, durante o governo de Roberto de Abreu Sodré, a referência

do congênere carioca foi patente na criação do órgão e a ela somava-se a proximidade da Cinemateca Brasileira, centro audiovisual cujas origens remontavam aos anos 1940 e ao Museu de Arte Moderna da cidade (CORREA JR., 2010). Sua primeira exposição intitulou-se “Memória paulistana”, consagrada a exibir temas históricos e cotidianos da cidade a São Paulo antiga, a Revolução Constitucionalista de 1932, o carnaval paulistano e o modernismo.

Como ressalta o guia da instituição:

Rudá de Andrade, além do primeiro e mais longevo diretor do MIS, foi também um dos idealizadores e criadores do Museu. Junto com Francisco Luiz de Almeida Salles (o "Presidente") – crítico e ensaísta cinematográfico, diplomata e presidente da Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna e da Cinemateca Brasileira –, Paulo Emílio Salles Gomes – célebre historiador e crítico do cinema brasileiro, criador do primeiro curso superior de cinema no Brasil e um dos responsáveis pela preservação do patrimônio cinematográfico brasileiro – e Luiz Ernesto Kawall – jornalista, assessor de comunicação do governador Abreu Sodré na época da fundação do Museu –, Rudá de Andrade deu forma a uma concepção de museu que pretendia aliar a influência política exercida pelo MIS do Rio de Janeiro à necessidade urgente de preservação do acervo da Cinemateca Brasileira e ao desejo de produção de uma documentação extensiva sobre a cultura paulista. Dessa forma, através de um Decreto-lei estadual, o Museu da Imagem e do Som foi fundado em 29 de maio de 1970. (RIBEIRO; LIMA; SILVA, 2015, p. 7)

Durante toda a sua primeira década de existência, o MIS-SP teve na direção o cineasta Rudá de Andrade (1930-2009), filho dos ícones modernistas Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, a “Pagu”. Com maior ênfase na preservação e difusão de acervos fílmicos, o que se justifica, inclusive, pela formação de seu principal fundador e dirigente, a instituição mantinha outras ações, algumas delas em diálogo com as atividades empreendidas pelo congênere do Rio de Janeiro. A exemplo do que ocorria no museu carioca, no MIS-SP havia grande participação do Conselho de Orientação, formado por convidados, com mandato de cinco anos, que, como destacou Rudá de Andrade em seu discurso de posse, teria papel fundamental na condução da vida regular da entidade (LENZI, 2018, p. 32).

E foi nessa medida que outros projetos ganharam espaço na instituição, incluindo-se a realização e a gravação de relatos orais. Diferentemente do que ocorria na série “Depoimentos para a Posteridade”, os registros realizados para o MIS-SP não envolviam a presença de plateia. Os primeiros deles, produzidos no início da década de 1970, quando a instituição ainda não havia fixado uma sede, foram conduzidos em

residências e escritórios de conselheiros ou dos próprios depoentes². Nesse período inicial de promoção de entrevistas, destacou-se, além da participação do diretor Rudá de Andrade, o envolvimento de Luiz Ernesto Machado Kawall (1927-), integrante do Conselho de Orientação, que no final dos anos 1980, criaria a Vozoteca, Museu da Voz (Mendonça, 2012, 238).

A realização e o registro de depoimentos orais pelo MIS-SP nos anos 1970 foi esparsa, com entrevistas a figuras icônicas do modernismo, personalidades da elite paulistana, artistas circenses e, até mesmo, um jogador de futebol: o ex-atleta e, então, comentarista esportivo Leônidas da Silva (SILVA, 1976). Entre as primeiras gravações, no início dos anos 1970, conduzidas em espaços improvisados, até a produção do final da década, promovidas na sede da instituição, com melhores condições técnicas, o Museu se estruturava para fazer daquelas iniciativas pontuais uma de suas atividades regulares.

Foi no início dos anos 1980, contudo, que a instituição estabeleceu uma rotina não apenas constante, mas impressionantemente intensa de registro de entrevistas, por meio de um vasto programa que abrigou dezoito projetos e que manteve uma produção semanal durante os primeiros anos da década, tendo gravado apenas em 1981, 100 relatos (HOLLANDA, ALFONSI, 2018, p. 509 e 514). A estruturação de um programa de depoimentos orais ocorreu sob a coordenação do novo diretor Boris Kossoy, fotógrafo e ex-integrante do Conselho de Orientação. Após dez anos de atuação de Rudá de Andrade, o mais longevo dirigente do MIS-SP, a instituição vivenciava uma mudança em seu comando.

Em sua passagem pelo MIS-SP, Boris Kossoy manteve a tradição de participação do conselho no desenvolvimento de atividades da entidade, assim como de uma aproximação com o meio acadêmico e cultural. Foi a partir dessa atitude que pôde estruturar um Programa de História Oral na instituição. Como relatou em entrevista:

² Conferir, por exemplo: VOLPI, Alfredo. *[Entrevista]*. 1971. Entrevista concedida a Paulo Mendes de Almeida; Mario Schenberg; Aracy Amaral; Luiz Ernesto Machado Kawall; Primo Carbonari; Decio Pignatari; Rudá de Andrade; Francisco Luiz de Almeida Salles; Maria Eugênia Franco; Clóvis Graciano; Francisco Rebolo Gonsales; Hermelindo Fiaminghi, em 2 de abril de 1971, na residência de Luiz Ernesto Machado Kawall na cidade de São Paulo – SP; MORAES FILHO, José Ermirio de. *[Entrevista]*. 1971. Entrevista concedida a Simões de Carvalho; Luis Carlos de Barros; Wilson Rocha; João Escatinburgo; Luiz Ernesto Machado Kawall, em 13 de abril de 1971, na sede da Votorantim na cidade de São Paulo – SP; TELLES, Goffredo da Silva; TELLES, Carolina Penteado da Silva. *[Entrevista]*. 1971. Entrevista concedida a Lygia Fagundes Telles; Oswald de Andrade Filho; Aracy Amaral; Rudá de Andrade; Francisco Luiz de Almeida Salles; Luiz Ernesto Machado Kawall; Francisco da Silva Telles; Caio Furtado; Anésia Pacheco e Chaves, em 7 de junho de 1971, na residência de Goffredo da Silva Telles e Carolina da Silva Telles na cidade de São Paulo – SP.

Para mim, 1980 era o começo de um real entendimento do uso de fontes orais para o estudo da História, era tão novo quanto o emprego da fotografia como documento histórico e social. (...)

O que é que eu fiz? Chamei pessoas da academia: a Olga Von Simson, socióloga, conduziu programa do Carnaval Paulistano. Era ela e a Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz. Tínhamos muita afinidade, porque eu fazia parte do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) na Universidade de São Paulo, dirigido pela Profa. Maria Isaura. Por outro lado, sabia da capacidade da Olga para coordenar esse projeto. (...)

(...) Eu pensei um Programa de História Oral com uma estrutura específica. Antes, havia depoimentos esparsos, apesar de muito importantes. Nós pensamos a metodologia. Exemplo: vou entrevistar o Florestan Fernandes. Quem vai estar presente para serem os perguntadores? A riqueza do depoimento depende da qualidade das perguntas e isso só acontece em função do conhecimento e da cultura dos entrevistadores. Era necessário gente que conhecesse a obra do entrevistado e que tivesse alguma coisa para contribuir, para que se extraíssem informações interessantes sobre determinado tema. Quem é que participava? Carlos Guilherme Mota, Gabriel Cohn, Alfredo Bosi, Antonio Cândido, entre outros, e o Ernani [Silva Bruno] coordenando. Colaboravam Maria de Lourdes Julião, que trabalhava com o Ernani. Todos os depoimentos eram documentados fotograficamente e gravados da melhor forma que nos era possível, considerando os equipamentos da época. Estamos falando de quase 40 anos atrás. (HOLLANDA, ALFONSI, 2018, p. 507- 509)

Se ao longo dos anos 1970, o MIS-SP foi capaz de criar a estrutura técnica para a gravação de suas primeiras entrevistas, com a produção de importantes depoimentos, na década seguinte, a instituição avançava com o estabelecimento de um Programa de História Oral que abrigava diversos projetos, com temáticas das mais diversas, que iam do carnaval paulistano aos registros de nomes proeminentes do pensamento social brasileiro. Era, ainda, um momento de introdução e desenvolvimento de uma metodologia para a produção e a utilização de fontes orais. Havia poucos anos que o Centro de Documentação e Pesquisa de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), criara um setor dedicado à prática, o mais antigo do país. Eram raras as referências para a elaboração de roteiros, a condução de entrevistas e sua posterior transcrição.

Como destacou Boris Kossoy em seu depoimento, a metodologia restringia-se a escolha de entrevistadores que tivessem afinidade com o tema, não havendo uma clareza maior sobre a produção de roteiros ou mesmo sobre a transcrição, a qual não foi realizada para as entrevistas que o MIS-SP produziu nesse período. Ação de destaque da gestão de Kossoy foi a edição de catálogo que inventariava os registros realizados entre 1970 e 1982.

O projeto “Memória do Futebol”

Dentre os vários projetos abrigados pelo Programa de História Oral do MIS-SP estava aquele denominado “Memória do Futebol”, que tinha na figura do historiador da USP, José Sebastião Witter, seu idealizador. A ele se somava na coordenação outro professor da USP, José Carlos Sebe Bom Meihy. No início dos anos 1980, Witter

ocupava a direção do Arquivo Público do Estado de São Paulo que, assim como o Museu, integravam a Secretaria Estadual de Cultura. Tal proximidade entre as instituições criaria a abertura para a condução do projeto (WITTER, 1993).

A temática do futebol fazia parte de uma agenda pessoal do diretor do Arquivo, como destacou em entrevista ao próprio MIS-SP, na série “Estudos Brasileiros”, em 1982: “esse projeto, todo mundo já está cansado de me ouvir falar dele... o grande projeto da minha vida. Que é o projeto de fazer a história do futebol brasileiro” (WITTER, 1982). Em parceria com o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, foi, ainda, responsável por um dos livros seminais sobre a história dessa modalidade esportiva no Brasil, a coletânea “Futebol e Cultura”, edição realizada pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, com a colaboração da Imprensa Oficial do Estado. Além disso, Witter atuava, nas horas vagas, como técnico auxiliar de uma equipe juvenil de futebol de várzea (HOLLANDA, ALFONSI, 2013, p. 7).

Entre os anos de 1981 e 1984, o projeto “Memória do Futebol” produziu mais de quarenta depoimentos com ex-atletas, dirigentes, treinadores e cronistas esportivos do estado de São Paulo. A condução principal das entrevistas cabia a José Sebastião Witter, que esteve presente em todos os registros, e contava com a parceria eventual de José Carlos Sebe Bom Meihy e do diretor Boris Kossoy. Além deles, tiveram participações pontuais outras figuras, como jornalistas, com destaque para Juca Kfoury, ex-atletas, tal como o ex-goleiro Ado, pesquisadores e estudantes.

Em um momento de introdução da metodologia da História Oral, as entrevistas corriam sob um tom informal, como citou José Sebastião Witter:

Para te dizer a verdade, a gente tinha um pequeno roteiro, mas tudo caminhava conforme o momento e os entrevistados. Alguns eram mais expansivos, outros quase calados e a gente conduzia como a coisa se apresentava. O importante para nós que conduzíamos as entrevistas era tirar tudo que pudéssemos da memória de cada um deles. Acho que deixamos uma boa contribuição para se escrever a história do nosso futebol. (HOLLANDA, ALFONSI, 2013, p. 7)

Sem muitas referências metodológicas para a elaboração dos roteiros e em um momento de amadurecimento de suas teses sobre a história do futebol, José Sebastião Witter e os demais entrevistadores transitavam entre um clima de mesas redondas esportivas, com perguntas que repercutiam temas atuais dos debates televisivos e radiofônicos, e questões mais propriamente da história oral e da trajetória de vida. Não raro, os relatos poderiam se desdobrar em diálogos entre os depoentes e os entrevistadores, com igual participação de ambos em longas falas dos coordenadores do projeto.

Era recorrente, por exemplo, que José Sebastião Witter expusesse aos convidados suas teses sobre a história do futebol brasileiro, ingressando em extensos debates sobre as questões que o preocupava, fato mais comuns nas entrevistas que

realizava sem a companhia do outro coordenador, José Carlos Sebe Bom Meihy³. Temas contemporâneos, como as razões da derrota brasileira na Copa do Mundo de 1982, mesclavam-se com os relatos de vida dos depoentes, desviando a atenção sobre as razões centrais dos registros.

Apesar das idiossincrasias próprias de um momento de construção da metodologia da História Oral, a riqueza do acervo produzido pelo projeto “Memória do Futebol” do Museu da Imagem e do Som de São Paulo é inegável. O conjunto gerado durante os anos em que foi realizado congrega depoimentos únicos de personagens do futebol paulista e nacional.

Além dos áudios, foram produzidos registros fotográficos de diversas entrevistas, as quais integram o acervo do projeto “Memórias do Futebol”. A imagem abaixo representa o flagrante de uma das entrevistas realizadas.



Figura 1 – Depoimento de Getúlio Costa de Oliveira - 25/08/83 - da esquerda para a direita: Sebastião Ferreira da Silva, Raul de Andrade e Silva, José Carlos Sebe Bom Meihy, Getúlio, Sérgio Miceli, José Sebastião Witter. Fonte: Anônimo. Acervo MIS-SP.

³ Podem ser citados os casos das entrevistas: CAMPOS, Rui [Entrevista]. 1983. Concedida a José Sebastião Witter, em 28 de junho de 1983, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP; HELENA JUNIOR, Alberto [Entrevista]. 1984. Concedida a José Sebastião Witter, em 28 de fevereiro de 1984, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP; MALTONI, Luís Augusto [Entrevista]. 1983. Concedida a José Sebastião Witter e Odair Rodrigues, em 30 de agosto de 1983, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP; POY, José. [Entrevista]. 1982. Concedida a José Sebastião Witter e Eduardo Roberto Stingham, em 24 de novembro de 1982, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP.

A fotografia acima registra a entrevista de Getúlio Costa de Oliveira, então atleta do São Paulo Futebol Clube. Dela participam os dois coordenadores do projeto, José Sebastião Witter e José Carlos Sebe Bom Meihy, além dos convidados Sebastião Ferreira da Silva, Raul de Andrade e Silva e Sérgio Miceli. Dentro de um estúdio, com paredes de Eucatex, pode-se ler ao fundo uma faixa com a inscrição “MUSEU DA IMAGEM E DO SOM”. A quantidade de entrevistadores e a sua disposição remete às mesas redondas de futebol. Sobre o móvel de centro, a folha de papel, que parece ser um roteiro, está abandonada.

Durante os três anos de intensa atividade do projeto “Memória do Futebol” foram produzidos registros de figuras lendárias do futebol nacional. Se atletas em atividade, como Getúlio, retratado na imagem acima eram convidados para as entrevistas, o interesse dos coordenadores recaía principalmente sobre astros do passado, já retirados dos gramados. Foi o caso do goleiro bicampeão mundial pela seleção brasileira e ídolo do Corinthians e do Santos nos anos 1950 e 1960, Gilmar dos Santos Neves, o primeiro depoente da série, em relato gravado em 1981, que contou entre os entrevistadores com José Sebastião Witter, José Carlos Sebe Bom Meihy, além de dois convidados, os jornalistas Juca Kfoury e Moacir Japiassu. Coube a Boris Kossoy, a fala de abertura da sessão. A fotografia abaixo registra um dos momentos da entrevista:



Figura 2 - Depoimento de Gilmar dos Santos Neves – 30/11/81 – para a o projeto “Memória do Futebol”, na foto: José Carlos Bom Meihy, o Diretor do MIS, Boris Kossoy e Gilmar dos Santos Neves. Fonte: Anônimo. Acervo MIS-SP.

Alguns dos registros seriam históricos, a exemplo do depoimento de Luis Macedo Matoso, o Feitiço, lendário jogador do Santos e da seleção nacional nos anos 1920 e 1930. A entrevista conduzida por José Sebastião Witter ocorreu dez dias antes

do falecimento do ex-atleta, sendo um raro registro do instigante personagem (WITTER, 1993).



Figura 3 - Luiz Macedo Matoso (Feitiço) Prestando Depoimento no MIS – 21/12/83. Fonte: Anônimo. Acervo MIS-SP.

Mesmo com a estrutura montada no Museu da Imagem e do Som, alguns depoimentos foram realizados fora das dependências da instituição, a exemplo do registro produzido em agosto de 1982, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, com o ex-goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, então com 77 anos de idade. O ex-atleta que já havia sido entrevistado no MIS do Rio de Janeiro, quinze anos antes, concedeu relato a José Sebastião Witter, justamente o diretor da instituição que abrigou a conversa. A fotografia a seguir documenta um flagrante do depoimento do histórico atleta:



Figura 4 – Marcos Carneiro de Mendonça – 05/08/1982. Durante depoimento no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fonte: Anônimo. Acervo MIS-SP.

Em alguns momentos, entrevistadores poderiam assumir a condição de depoentes, como foram os casos de jornalistas que participavam do projeto a convite dos coordenadores e que também ocuparam a cadeira central das sessões, propiciando registros de suas trajetórias. Um daqueles que passou por essa inversão foi o então diretor da revista esportiva Placar, Juca Kfoury, cujo relato foi gravado em setembro de 1982. A imagem abaixo traz um registro da conversa conduzida pelos dois historiadores responsáveis pela iniciativa.



Figura 5 - Juca Kfoury por ocasião do seu Depoimento no MIS – 01/09/82. Na Foto: José Carlos Sebe Bom Meihy, Juca Amaral Kfoury, José Sebastião Witter. Fonte: Anônimo. Acervo MIS-SP.

O Programa de História Oral do MIS-SP vivenciou um rico período de produção na primeira metade da década de 1980, em especial entre os anos de 1980 e 1983, quando esteve à frente da instituição o fotógrafo Boris Kossoy, grande incentivador da iniciativa (HOLLANDA, ALFONSI, 2018, p. 512). No caso do coordenador do projeto “Memória do Futebol”, José Sebastião Witter, mesmo com a manutenção de sua proximidade da entidade, da qual passou a ser conselheiro em 1985, tendo permanecido até 1990, não houve continuidade da gravação dos depoimentos, interrompidos em 1984 (WITTER, 1993). Durante o período de atividade da iniciativa, foram entrevistados jogadores, ex-atletas, treinadores, radialistas e cronistas esportivos, totalizando cerca de 40 entrevistas.

Na década de 1990, a instituição retomou um programa de História Oral, com a criação de novos projetos, um deles voltado para a própria trajetória da entidade. Iniciativas como o “Memória do Futebol” não foram continuadas nessa nova fase do MIS-SP. Apesar da produção concentrada em aproximadamente quatro anos (1981-

1984), o volume de relatos registrados impressiona e constitui um dos mais profícuos acervos sobre a história do esporte no Brasil, com grandes potencialidades de uso para as mais diversas pesquisas. Em um período no qual a história do esporte ainda não havia conquistado a atenção das Ciências Humanas, o esforço conduzido pelos professores José Sebastião Witter e José Carlos Sebe Bom Meihy representa, até hoje, uma das mais notáveis empreitadas de documentação da memória do futebol no país.

O investimento recente do Museu da Imagem de São Paulo na digitalização de seu acervo, com disponibilização integral dos relatos pela *internet*, amplia as potencialidades de uso do conjunto formado nos anos 1980. Apesar da facilidade de acesso, ainda são poucos os trabalhos desenvolvidos com o material integrante da coleção “Memória do Futebol”, o que talvez se relacione à ausência de transcrição dos depoimentos. Mesmo com esse obstáculo à pesquisa, a riqueza das entrevistas e a importância dos personagens justificam o esforço de estudiosos em mobilizar tão valioso documento do futebol nacional.

O anjo da História oral: breves apontamentos à guisa de conclusão

O objetivo do presente artigo, ao enfeixar o dossier “Patrimônio esportivo e museus de esporte”, foi dar a conhecer dois casos pioneiros de acervos orais abrigados em museus que se voltaram para a memória futebolística nacional, na segunda metade do século XX. Vistos na condição de inovadores e novidadeiros em sua época, ambos não só criaram como conservaram em áudio histórias de vida de futebolistas e atletas marcantes do período. Procuramos assim descrever as circunstâncias institucionais que tornaram possíveis o desenvolvimento de tais projetos. Objetivou-se também salientar quais os agentes dos respectivos equipamentos foram centrais para a efetiva consecução de um lugar, ainda que pontual, para o futebol e para os esportes no interior de espaços museais brasileiros.

A motivação para o texto também decorre de certa incredulidade ante a subutilização desses registros orais para análises do campo interdisciplinar de estudos esportivos que, outrora incipiente, encontra-se hoje consolidado no âmbito das pesquisas universitárias de pós-graduação. É possível que, em parte, o pouco aproveitamento seja decorrência do fato de se tratar de fonte não-escrita. Sabe-se o quanto a História Oral, assim como o próprio futebol na condição de objeto das Ciências Sociais e da Historiografia, padeceu de certa desconfiança no tocante à sua legitimidade no meio acadêmico, durante mais de uma geração.

Não obstante, a história, desenvolvida a contrapelo, como sugeria Walter Benjamin em suas conhecidas teses aforísticas, enseja resiliências e surpresas. O início do século XXI foi marcado por mudanças estruturais no futebol contemporâneo internacional, do ponto de vista financeiro, econômico, midiático e geopolítico. Para muitos, isto significou, aqui também para falar em termos benjaminianos, a perda de uma “aura esportiva”, uma descaracterização dos supostos valores tradicionais do jogo, em favor da mercantilização e da espetacularização da prática futebolística, com seus astros de cabelo platinado, com suas arenas multiuso, com seus clubes multimilionários e com seus espectadores *flanêurs* (GIULIANOTTI, 2012)⁴.

O Brasil não ficaria infenso aos efeitos estandarizadores e elitizadores porque passou o fenômeno esportivo nessa conjuntura. Na mesma proporção, não deixou igualmente de se apropriar e de timbrar certas marcas de cultura híbrida (CANCLINI, 1990) ao receber essas influências e se apropriar desses influxos do futebol espetacularizado e de alto rendimento europeu. Em 2008, após anos de gestação política da ideia, inaugurou-se o Museu do Futebol, nas dependências do estádio municipal do Pacaembu, primeira praça de esportes pública do Brasil, a remontar aos idos de 1930 e 1940 (ALFONSI, 2017).

O apelo à tradição e ao imaginário de um passado futebolístico coexistiu naquele ambiente com um projeto expográfico arquitetado por agentes públicos e privados, que procurava se apresentar como inovador e “moderno”. O Museu buscou combinar os elementos da “brasilidade esportiva” e da identidade nacional, alicerçado nos princípios contemporâneos do entretenimento e da interatividade para o público visitante desse tipo de equipamento, com vistas ao lazer urbano e ao turismo nacional e internacional.

A fórmula, por assim dizer híbrida, parece ter dado certo. O museu em São Paulo, sob gestão de uma organização social e do governo do estado paulista, com apoio da Fundação Roberto Marinho, tornou-se uma referência turística e midiática na

⁴ De forma simultânea, indo ao encontro e de encontro a esse processo, uma gama de museus esportivos emergiu nesse contexto. Existentes desde o século XX, tais museus transformaram-se e disseminaram-se nas duas décadas do século atual. Em alguns casos, tratou-se da adaptação de espaços no interior de estádios históricos, como a Bombonera, do Club Atlético Boca Juniors, a forjar nas suas dependências o *Museo de la Pasión Boquense*. Os princípios tradicionais de exposição, a exibir troféus, a sacralizar datas oficiais e a expor relíquias do passado, foram acionados, de modo a exaltar a ligação afetiva entre o torcedor e o seu clube do coração. Em outra frente, a proposta, mais explicitamente comercial e mercadológica, consistiu na criação de museus clubísticos associados às novas arenas multiuso, em que o torcedor é visto como potencial consumidor e o espaço museal é mais um elo da cadeia de consumo esportivo da indústria do entretenimento. Vários exemplos consumeristas poderiam aqui ser mobilizados, mas para ficarmos com apenas um, mencione-se o *Stadium Tours and Museum*, do clube londrino Chelsea. O modelo turístico de visitação ao estádio e a um equipamento ultramoderno torna-se padrão, na esteira da formação dos *Big 5* nas ligas competitivas da Europa e, segundo os críticos, graças à “gentrificação” do futebol.

cidade, dotada de uma afluência média de 300 mil visitas por ano, número considerável para os padrões do país. A evocação desse equipamento para o fecho do presente artigo tem em vista um dado a ele associado: pouco depois da sua inauguração, o Museu, cuja missão contemplava igualmente um espaço próprio para biblioteca e documentação, a permitir pesquisa e consulta histórica *in loco*, constituiu um Centro de Referência do Futebol Brasileiro, efetivado em 2013. Em seu bojo, uma primeira pesquisa interinstitucional é abrigada e desenvolvida pelo Museu do Futebol.

Trata-se do projeto “Futebol, Memória e Patrimônio”, um trabalho científico que visava constituir um acervo de depoimentos orais. Sublinhe-se que o biênio 2011-2012 colocava no horizonte a realização da Copa do Mundo de 2014, megaevento esportivo a ocorrer no Brasil pela segunda vez. O contexto ensejava, por sua vez, o acionamento da memória coletiva em torno da participação da vitoriosa Seleção Brasileira naqueles torneios internacionais quadrienais, em que o Brasil tomara parte desde 1930. Sob tal atmosfera, o projeto desenvolve-se com o escopo de entrevistar jogadores remanescentes da Seleção, alguns em idade já bem avançada, que atuaram nos Mundiais da FIFA e que poderiam relatar suas vivências nas competições e contar em retrospectiva sua trajetória no futebol, entre as décadas de 1950 e 1980.

O projeto foi feito em parceria com o Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), reconhecido desde 1975 por seu programa de História Oral e por sua *expertise* em entrevistas dessa natureza. Os depoimentos filmados alcançaram ao final 150 horas de gravação, com mais de cinquenta atletas entrevistados em dois anos de pesquisa. As filmagens das mais de cinco dezenas de entrevistas, hoje disponíveis para consulta remota *online*¹, abrangem tanto nomes icônicos desse universo – como Ademir da Guia, Djalma Santos, Tostão, Piazza, Reinaldo, Zico, Junior, Falcão, entre muitos outros – até futebolistas de menor projeção que passaram pela Seleção. Na condição de reservas, ou esquecidos pelo tempo, eram menos conhecidos do grande público, como o goleiro Ado – o mesmo que participava como entrevistador no projeto “Memória do Futebol” do MIS-SP –, o lateral Marco Antônio ou o atacante Índio, mas não deixaram de ser abarcados na série.

Ao ser formulada, a proposta tinha por ponto de partida ambas as séries “Depoimentos à Posteridade” e “Memória do Futebol”. Malgrado as diferenças de ordem metodológica (CORRÊA, 2013), com o emprego da História Oral temática e de vida, além do uso da câmera, o projeto “Futebol, memória e patrimônio” buscou inspiração nas iniciativas do MIS com a finalidade de atualizar e de legar uma visão seriada de

conjunto, capaz compor mais e novas memórias esportivas do assim chamado “país do futebol”.

O encerramento desse artigo leva em consideração, na mesma proporção, as mudanças ocorridas no cenário museológico brasileiro e internacional. Sendo assim, o quanto os exemplos pregressos do Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro e de São Paulo, têm a dizer hoje sobre o campo? Qual abertura os museus contemporâneos dão a temas menos canônicos na contemporaneidade? Que aceitação foi franqueada ao futebol e aos esportes pela experiência histórica dos MIS carioca e paulista?

Referências

- ALFONSI, Daniela. *Réplicas originais: um estudo sobre futebol nos museus*. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social/USP, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte: os museus da Europa e seu público*. São Paulo: Zouk, 2016.
- CAMPOS, Rui [Entrevista]. 1983. Concedida a José Sebastião Witter, em 28 de junho de 1983, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1990.
- CORRÊA, Ricardo Santhiago. *Método, metodologia, campo: a trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social/USP, 2013.
- CORREA JR., Fausto Douglas. *A Cinemateca Brasileira: das luzes aos anos de chumbo*. São Paulo: UNESP, 2010.
- DaMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakoteke, 1982.
- DaMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol. In: *Revista USP – Dossiê Futebol*. São Paulo: n. 22, 1994, p. 10-17.
- SCOREL, Eduardo. “Vestígios do passado: acervo audiovisual e documentário histórico”. In: *CPDOC – 30 anos*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- GIULIANOTTI, Richard. “Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol”. In: *Recorde – Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro: volume 5, n. 1, junho de 2012, p. 1-35.
- GONÇALVES, José Reginaldo. “Patrimônio, espaço público e cultura subjetiva”. In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone (Orgs.). Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019.
- HELENA JUNIOR, Alberto [Entrevista]. 1984. Concedida a José Sebastião Witter, em 28 de fevereiro de 1984, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ALFONSI, Daniela do Amaral. Entrevista com José Sebastião Witter. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 21, p. 1-11, mar. 2013.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ALFONSI, Daniela do Amaral. Entrevista com Boris Kossoy. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 64, p. 495-520, set./dez. 2018.

KOSSOY, Boris (Org.) *Cadernos do MIS n. 3: Catálogo de Depoimentos – 1970/1982*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.

LENZI, Isabella. *Museu da Imagem e do Som de São Paulo: o processo de criação e as diretrizes iniciais (1970-1990)*. 2018. 334 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALTONI, Luís Augusto [Entrevista]. 1983. Concedida a José Sebastião Witter e Odair Rodrigues, em 30 de agosto de 1983, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982.

MENDONÇA, Tânia Mara Quinta Aguiar de. *Museus da Imagem e do Som: o desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil*. 2012. 448 f. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2012.

MESQUITA, Claudia. *Um museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do Som*. Rio de Janeiro: Editora Folha Seca, 2009.

MORAES, Mário de. *Futebol é arte*. Rio de Janeiro: Editorial MIS, 2002, vol. 1 e 2.

MORAES FILHO, José Ermírio de. [Entrevista]. 1971. Entrevista concedida a Simões de Carvalho; Luis Carlos de Barros; Wilson Rocha; João Escatinburgo; Luiz Ernesto Machado Kawall, em 13 de abril de 1971, na sede da Votorantim na cidade de São Paulo – SP.

MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2001.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro”. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, 1997, n. 19, p. 23-40.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POY, José. [Entrevista]. 1982. Concedida a José Sebastião Witter e Eduardo Roberto Stinghen, em 24 de novembro de 1982, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP.

RIBEIRO, Fabiana da Silva; LIMA, Natália Fabricio de; SILVA, Rodrigo Antonio da. *Guia eletrônico de fundos e coleções do acervo arquivístico do Museu da Imagem e do Som*. São Paulo: Museu da Imagem e do Som, 2015.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da televisão*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social/USP, 2019.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Leônidas. *[Entrevista]*. 1982. Concedida a Rudá de Andrade; Luiz Ernesto Machado Kawall; Avelino Ginjo; Carlos Roberto Souza; Sérgio Oliveira de Vasconcellos Correa, em 7 de janeiro de 1976, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP.

TELLES, Goffredo da Silva; TELLES, Carolina Penteado da Silva. *[Entrevista]*. 1971. Entrevista concedida a Lygia Fagundes Telles; Oswald de Andrade Filho; Aracy Amaral; Rudá de Andrade; Francisco Luiz de Almeida Salles; Luiz Ernesto Machado Kawall; Francisco da Silva Telles; Caio Furtado; Anésia Pacheco e Chaves, em 7 de junho de 1971, na residência de Goffredo da Silva Telles e Carolina da Silva Telles na cidade de São Paulo – SP.

VOLPI, Alfredo. *[Entrevista]*. 1971. Entrevista concedida a Paulo Mendes de Almeida; Mario Schenberg; Aracy Amaral; Luiz Ernesto Machado Kawall; Primo Carbonari; Decio Pignatari; Rudá de Andrade; Francisco Luiz de Almeida Salles; Maria Eugênia Franco; Clóvis Graciano; Francisco Rebolo Gonsales; Hermelindo Fiaminghi, em 2 de abril de 1971, na residência de Luiz Ernesto Machado Kawall na cidade de São Paulo – SP.

WITTER, José Sebastião. *[Entrevista]*. 1982. Concedida a Nelly Robles Reis Bacelar; Licurgo de Castro Santos Filho; Raul de Andrade e Silva e Ernani Silva Bruno, em 21 de dezembro de 1982, na sede do MIS-SP na cidade de São Paulo, SP.

WITTER, José Sebastião. *[Entrevista]*. 1993. Concedida a Ana Maria Gariglia e Ana Luiza Pinheiro, em 19 de agosto de 1993, na cidade de São Paulo, SP.

Data de recebimento: 26.02.2021

Data de aceite: 16.03.2021